

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB  
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA – DH  
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

EDILEIDE MARIA DA SILVA

CASA GAYÃO:  
PATRIMÔNIO HISTÓRICO DA CIDADE DE SERRA BRANCA - PB

CAMPINA GRANDE, PB.

2010

CAMPINA GRANDE, 2010  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB  
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA – DH  
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

EDILEIDE MARIA DA SILVA

CASA GAYÃO:  
PATRIMÔNIO HISTÓRICO DA CIDADE DE SERRA BRANCA - PB

Monografia apresentada a Universidade  
Estadual da Paraíba – UEPB. Como  
Pré- requisito para a conclusão da  
graduação do Curso de Licenciatura Plena  
em História.

**Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Ms. Maria José Silva Oliveira**

**CAMPINA GRANDE, PB**

## Ficha Catalográfica

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

S586c

Silva, Edileide Maria da

Casa Gayão [manuscrito]: Patrimônio histórico da cidade de Serra Branca – PB (1950-1980) / Edileide Maria da Silva. – 2010.

53 f. : il.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Centro de Educação, 2010.

“Orientação: Profa. Ma. Maria José Silva Oliveira, Departamento de História”

1. Cidades História. 2. Patrimônio. 3. Casa Gayão. 4. Serra Branca. I. Título.

21. ed. CDD 307.760 9

**EDILEIDE MARIA DA SILVA**

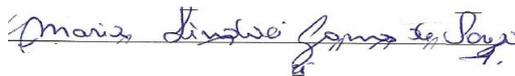
**CASA GAYÃO: patrimônio histórico da cidade de Serra Branca - PB**

Monografia apresentada a Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Como Pré-requisito para a conclusão da graduação do Curso de Licenciatura Plena em História.

Aprovado em \_\_\_\_/\_\_\_\_/2010.



Profª. Ms. Maria José Silva Oliveira  
(orientadora)



Profª. Dr. Maria Lindaci de Souza  
(1ª examinadora)



Profº. Esp. Anselmo Ronsard Cavalcanti  
(2º examinador)

## DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho a família  
Gayão, em especial a Joaquim de  
Andrade Gayão, o patriarca dessa  
família.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus pela minha existência, me proporcionando a experiência de viver e de aprender com a vida.

Aos meus familiares, especialmente meus pais Sebastião Lopicino da Silva e Maria Stela Gouveia da Silva e irmãos Marcos, Jorge e Bethânia, pelo apoio dado em todos os momentos de minha existência.

À Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, e todo seu corpo docente e aos técnicos administrativos, que com dedicação contribuíram para o meu engrandecimento pessoal e profissional.

À professora Maria José pela paciência, dedicação e presteza durante toda a elaboração deste trabalho.

Aos professores Anselmo Ronsard e Maria Lindaci Souza, que se dispuseram prontamente a aceitar o convite para a minha banca examinadora.

Aos colegas de turma pelos momentos de descontração, com os quais passei a ser mais sociável, desfrutando de sua amizade e entendendo o significado do que é companheirismo.

A todos aqueles que acreditaram e incentivaram a realização deste trabalho.

*O historiador e o poeta não se distinguem  
um do outro pelo fato de o primeiro  
escrever em prosa e o segundo em verso.  
Diferem entre si, porque um escreve o que  
aconteceu e o outro o que teria acontecido.*

*Aristóteles*

Linha de Pesquisa 029.2: História Local e Cultura Regional

**SILVA, Edileide Maria da. Casa Gayão: Patrimônio Histórico da cidade de Serra Branca – PB.**

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup>. Ms. Maria José Silva Oliveira

**Examinadores:** Prof<sup>ª</sup>. Dr. Maria Lindaci de Souza (1<sup>a</sup> examinadora)

Prof<sup>º</sup>. Esp. Anselmo Ronsard Cavalcanti (2<sup>º</sup> examinador)

## **RESUMO**

O patrimônio nas cidades urbanas se apresenta juntamente com as construções modernas, uma convivência nem sempre harmonioso entre o antigo e o moderno, ambos convivendo num mesmo espaço, delineando o perfil das cidades. Cujo papel é cotidianamente filtrado para atender a espetacularização dos espaços, que na busca da ampliação do mercado turístico, destrói ou reforma, patrimônios culturais para atender as exigências de uma “platéia”.

Ao patrimônio restam duas saídas: partir para o esquecimento ou entrar para o “*show business*”. Mas esse não é um fenômeno unicamente presenciado nas cidades grandes, podemos observar isso em cidades do interior, como o nosso objeto em pauta, a cidade de Serra Branca.

O que evocamos nesse trabalho a partir da Casa Gayão, é reconhecer e valorizar o patrimônio arquitetônico encontrada na cidade de Serra Branca, como signo de desenvolvimento da cidade, um elemento que divide a memória do povo serra-branquense entre o antigo e o moderno. Os casarões antigos também fazem parte dessa bela arquitetura, que se conserva através dos tempos, no entanto não existe por parte do poder público local, políticas voltadas à conservação do patrimônio da cidade.

Esse trabalho pretende engrandecer a beleza do patrimônio arquitetônico, ressaltada na Casa Gayão, restituindo a identidade no nosso povo e conscientizando estes, para a valorização de seus patrimônios arquitetônicos, e assim, também sua memória.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cidade – Serra Branca – Patrimônio – Casa Gayão

## **ABSTRACT**

The patrimony in the urban cities comes together with the modern constructions, a coexistence not always harmonious between the old and the modern, both living together in a same one space, delineating the profile of the cities. Where your meaningaa are filtered daily to assist the espetacularizacion of the spaces, that in the search of the amplification of the tourist market, it destroys or it reforms, cultural patrimonies to assist the demands of a "audience".

To the patrimony they remain two exits: to leave for the forgetfulness or to enter for the "show business". But that is not a phenomenon only witnessed in the big cities, we can observe that town, as our object on the agenda, the Serra Branca town.

What evoked in that work starting from the Casa Gayão, it is to recognize and to value the architectural patrimony found in the Serra Branca town, as sign of development of the city, an element that divides the memory of the people serra-branquense between the old and the modern. The old big houses are also part of that beautiful architecture, that is conserved through the times, however it doesn't exist on the part of the power I publish place, politics returned to the conservation of the patrimony of the city.

That work intends to increase the beauty of the architectural patrimony, pointed out at the Casa Gayão, restoring the identity in our people and becoming aware these, for the valorization of your architectural patrimonies, and like this, also your memory.

**KEYWORDS:** City - Serra Branca - Patrimony - Casa Gayão

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

**FOTO 1:** Localização da cidade de Serra Branca no mapa da Paraíba \_\_\_\_\_ 22

## LISTA DE TABELAS

**TABELA 1:** Primeiros fazendeiros da região \_\_\_\_\_ 24

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 1:</b> Praça Central, ao fundo Igreja Matriz da Nossa Senhora da Conceição	27
<b>FIGURA 2:</b> Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição	28
<b>FIGURA 3:</b> Parada de 7 de setembro: Escola Profissional Pio XII	29
<b>FIGURA 4:</b> Festa da Padroeira Nossa Senhora da Conceição. Década de 1950	30
<b>FIGURA 5:</b> Artesanato de cerâmica da cidade de Serra Branca	31
<b>FIGURA 6:</b> Casa Gayão, Serra Branca	36
<b>FIGURA 7:</b> Casa Gayão: Avenida Álvaro Gaudêncio	38
<b>FIGURA 8:</b> Casarões Antigos	39
<b>FIGURA 9:</b> Casarões Antigos	39
<b>FIGURA 10:</b> Afrescos nas paredes da sala da casa de Gideão Maracajá	40
<b>FIGURA 11:</b> Piso em mosaico estampado na casa de Gideão Maracajá	40
<b>FIGURA 12:</b> Serra do Jatobá, município de Serra Branca	48

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>15</b>
<b>Capítulo I: O QUE É CIDADE?</b>	<b>18</b>
<b>1 - Cidade: espaço, identidade e cultura</b>	<b>19</b>
<b>1.1 - A Cidade Contemporânea na Globalização</b>	<b>21</b>
<b>1.2 – Lugar enquanto pertencimento</b>	<b>25</b>
<b>Capítulo II: UMA CIDADE CHAMADA SERRA BRANCA</b>	<b>26</b>
<b>2 – Conhecendo a cidade de Serra Branca</b>	<b>27</b>
<b>2.1 – História da Cidade de Serra Branca</b>	<b>28</b>
<b>2.2- A primeira atividade Econômica de Serra Branca</b>	<b>30</b>
<b>2.3- As primeiras construções da cidade</b>	<b>32</b>
<b>2.4-Educação</b>	<b>33</b>
<b>2.5-Manifestações religiosas e culturais remanescentes</b>	<b>35</b>
<b>2.6-Saúde</b>	<b>37</b>
<b>2.7- O livro de Tombo (1957 a 1988): História Escrita</b>	<b>37</b>
<b>Capitulo III: PATRIMÔNIO HISTÓRICO DE SERRA BRANCA:</b>	
<b>CASA GAYÃO, UM SIGNO DE MODERNIDADE</b>	<b>40</b>
<b>3 – O senhor Gayão e a fundação da casa</b>	<b>41</b>
<b>3.1 – Casa Gayão: Referencial de desenvolvimento para a cidade de Serra Branca</b>	<b>42</b>
<b>3.2 – O cotidiano da casa Gayão</b>	<b>45</b>
<b>3.3 – Casa Gayão: o limiar do progresso em Serra Branca</b>	<b>47</b>
<b>3.4 – Arquitetura de Serra Branca</b>	<b>48</b>
<b>3.5 – Cultura e memória: o patrimônio signo de representatividade</b>	<b>49</b>

<b>3.6 – Turismo e preservação</b>	<b>51</b>
<b>3.7 – Especulação imobiliária VS. Preservação patrimonial: Um poço intransponível?</b>	<b>54</b>
<b>4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>56</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>58</b>

# Introdução

## INTRODUÇÃO

As pirâmides do Egito, a torre Eiffel, o Coliseu, o Cristo Redentor. Quem, sem nunca ter visto não reconhece esses monumentos? Consagrados pela história, divulgados pelas mídias, adorados por tantos povos, esses monumentos são considerados por muitos como patrimônios da humanidade.

Mas se eu lhes falar do Lajedo do Pai Mateus, ou mesmo das igrejas de Penedo, se você residir perto desses lugares talvez reconheça alguns, talvez não. O que propomos com esse questionamento, é mostrar como reconhecemos a grandeza e importância de determinados patrimônios históricos de lugares tão distintos, em detrimento daqueles, que por vezes jogados ao esquecimento, fazem parte de forma direta de nossa cultura. Tendemos mais a valorizar o patrimônio de outros, considerados “grandes”, do que a nosso próprio patrimônio.

*A priori* não parece uma problemática muito instigante, há quem pudesse alegar que essas construções são apenas edificações velhas: “tijolo e pedra”. Foi pensando nessas falas do senso comum que nasceu a idéia do nosso objeto de estudo, isto é, contar a história de uma cidade, do interior da Paraíba, denominada Serra Branca, através do nosso recorte espacial uma “velha” casa, conhecida como Casa Gayão que mudou a história do município de Serra Branca.

O trabalho em pauta foi dividido em três momentos, num primeiro momento procuramos analisar a cidade enquanto espaço de pertencimento, de sentimento e relações sociais, lugar de produção de identidades. Traçando uma linha de tempo de cidade desde as primeiras civilizações às cidades modernas, constatamos a transição, entre o passado e o presente e o antigo e o moderno, determinados elementos, sejam eles materiais ou imateriais, tendem a resistir às novas condições impostas pela modernização dos espaços e da modernidade dos povos.

O segundo momento é uma cartografia arquitetônica e sentimental da cidade de Serra Branca, mostrando sua evolução histórica, econômica e social uma cartografia usada como laboratório para percebermos com outro olhar as cidades do Cariri paraibano. No entanto essa cartografia também contém a resistência da comunidade que em meio às transformações ocorridas na cidade, procuram preservar sua história,

guardando na memória; nas práticas cotidianas e através das fotografias de antigas construções carregadas de simbolismo, que trazem representações emblemáticas do povo serra-branquense.

No terceiro momento, analisamos o nosso objeto de estudo a Casa Gayão, patrimônio cultural carregado de significados e significantes para a cidade. Esta casa representa mais do que um artefato arquitetônico marco da história da cidade desde sua fundação, mas também é um elemento representativo do desenvolvimento da cidade de Serra Branca.

# Capítulo I

O que é Cidade?

## Capítulo I

### 1. CIDADE: ESPAÇO, IDENTIDADE E CULTURA

O conceito de cidade é corriqueiramente interpretado, de maneira unilateral, isto é, ela é vista apenas em suas formas físicas, seu papel como espaço formador de identidades é “mascarado”.

A geógrafa Ana Fani Carlos em sua obra: *Espaço Urbano* faz uma discussão a respeito da compreensão da cidade, discutindo o espaço urbano enquanto lugar de pertencimento, procurando superar a idéia de cidade reduzida a espaço de fenômenos, para revelá-la como sentido da vida humana em todas as suas dimensões.

*“... não raro a cidade vem sendo pensada ora como quadro físico, ora como meio ambiente urbano, e em ambos os casos, ignora-se o conteúdo da prática sócio-espacial que lhe dá forma e conteúdo. (...) é impossível separar a produção social do espaço da cidade da produção de um pensamento sobre a cidade.” (CARLOS, 2007, p. 18-19)*

As cidades, a partir da afirmativa acima, será o espaço físico onde ocorrerá a interação entre os indivíduos. O mundo se cria e se recria a partir das relações que o homem mantém consigo e com os outros, como ele se constrói enquanto indivíduo nesse processo coletivo.

Considerando os Zigurates, como os primeiros embriões do que se conhece como cidade, mas também os primeiros templos construídos pelo homem, situados nas planícies da Mesopotâmia (terra entre rios) por volta do terceiro milênio antes da era cristã.

Os Zigurates foram projetados e utilizados para o cerimonial religioso local onde as pessoas se reuniam para professar a fé. Com integração dos fieis o espaço foi se transformando na medida em que as pessoas começaram a se relacionar, criando vínculos de amizade, construindo no local uma identidade própria da cidade e criando nestes indivíduos um sentimento coletivo de pertencimento.

A partir do processo de fixação dos indivíduos num mesmo espaço, se dará início a construção arquitetônica do local, a cidade foi construída mediante a identidade dos sujeitos que ocuparam essa região. A edificação primordial, características das primeiras cidades, foi a Igreja, que se situava no centro do espaço, e no seu entorno se formará o perfil da cidade.

É a partir dessas construções que se manterá viva a história da cidade, através da igreja, dos casarões dos primeiros habitantes, das ruas, das praças, das pinturas. Patrimônios que nos liga a um passado que legou ao presente sua cultura, memórias históricas contadas por cada pedra erguida em um determinado tempo e espaço, que lutam contra o tempo, contra a desvalorização, contra suas tão velhas bases que rangem enfraquecidas, lutam pela sua sobrevivência e da história de seu povo.

Como formas de conhecimento, tão humildes e singelos, os patrimônios históricos, parte integrante do corpo da cidade, se mostram a nós cotidianamente, nos ensinando, nos encantando, nos contando um pouco de nós em seus tão finos contornos.

São por esses e tantos outros significados que não caberia explicitar em tão poucas linhas, que devemos preservar o patrimônio arquitetônico como forma de manter a cidade viva e conseqüentemente a nossa história, onde nós sujeitos sendo atores principais deste espetáculo, devemos buscar sempre valorizar todo o nosso Patrimônio Cultural.

O local não se constrói apenas como um espaço físico, mas também de memória, de identidade, a cidade se configura enquanto espaço ocupado pelo homem, local que se formaram suas vivências, seu modo de vida, esse espaço tornar-se-á um lugar de pertencimento.

*“A sociedade constrói, através da prática, um mundo real e objetivo, realizando-se assim, na qualidade de uma relação espaço-temporal. Na prática sócio-espacial, esse mundo se revela em suas contradições, em um movimento que aponta um processo em curso em que a ação dos sujeitos sociais, à medida que produzem sua existência, o fazem efetivamente produzindo um espaço, aí inscrevendo e realizando as relações sociais que os mantêm vivos em um lugar determinado através de um tempo que marca a duração da ação. É nesta medida que espaço e tempo aparecem através da ação humana em sua indissociabilidade.” (CARLOS, 2007. p.24)*

Historiadores, geógrafos e sociólogos têm dificuldade em definir e construir o paradigma de local.

A localidade é projetada pelas autoridades locais como forma de se manter no poder, que vão desde a história a critérios técnicos, onde os aspectos culturais e sociais são compartilhados. Em outros casos a localidade exprime o encontro diário, em outro ainda a existência de um conjunto de especificidades sociais, culturais bem partilhadas, o indivíduo existe enquanto representante de um lugar (região), como já mencionado, seu pertencimento a um grupo, portanto ele está carregado de subjetividades locais.

Para Boudin (2001) o local é utilizado à condição de objeto de estudo, oferecendo um novo olhar para análise do ensino de História, possibilitando quando confrontada com outras escalas de observação dialogar, questionar e até resistir ao atual processo de mundialização. Nas últimas décadas vem se configurando um novo olhar sobre a questão local, o que nos leva a repensar como se dará as novas formas de escrever e ensinar a história local.

## **1.1 A CIDADE CONTEMPORÂNEA NA GLOBALIZAÇÃO**

Ao contrário da cidade antiga fechada e vigiada, a cidade moderna se caracteriza pelo fluxo de pessoas, mercadorias e informações, rompendo barreiras antes impostas pelo tempo e espaço, subjugando territórios, compactando culturas, gerando identidades globalizadas ao mesmo tempo próximas e distantes. O rápido fluxo e o livre acesso às informações nos possibilitam manter contato com as diversas culturas, conhecemos lugares à distância; a tecnologia nas cidades contemporâneas nos oferece conhecer, mesmo que superficialmente, lugares idealizados e paradisíacos, distantes de nossa realidade, nos furtando pouco a pouco a identidade com o nosso lugar de pertencimento.

Na obra de Ana Fani A. Carlos, *A Cidade*, a autora aborda em seu capítulo *O Diretamente Percebido: o jogo das aparências*, a contextualização do que é a cidade e o que ela representa. Definindo-a então como um aglomerado de pessoas, costumes e cultura, a cidade é um instrumento da modernidade. A autora segue fazendo uma analogia entre o cotidiano e o semáforo como símbolos da cidade, cujo ritmo é

controlado, tendo o tempo como mediador da vida dos indivíduos, com o espaço que lhe cerca e sua relação com o outro; relações que se tornam cada vez mais coisificadas, mediadas por jogos de interesse, perdendo a identificação com o lugar e com outras pessoas.

O ritmo acelerado da metrópole prejudica a convivência das pessoas, de maneira que vão tornando-as mecanizadas diante de todo esse processo, as suas vidas se modificam com a mesma rapidez que se reproduz a cidade.

Casas, ruas, gente passando de um lado para o outro, o barulho dos carros, a frenesi do consumismo, a selva de mármore e concreto é a cidade que conhecemos e vivemos.

Passeamos pelas calçadas tão apressados, o tempo nos rouba o tempo de ter tempo, e deixamos ali mesmo naquelas ruas, o significado sufocado e velado pelos enormes prédios e pelas lojas-fetiche, da cidade que reside em cada um de nós.

A cidade é uma história contada através de edificações sólidas: casas, praças, prédios, estátuas, construções antigas e atuais refletindo o embate entre o novo e o velho, elementos que narram à história de um lugar, marca da memória de um povo.

E antes de ser pedras e concreto, a cidade nasce da necessidade do homem fixar suas raízes, ter um lugar seguro para retornar, algo que lhe pertença a que possa chamar de lar, lugar onde passa a conviver com os seus semelhantes. É dessa necessidade de fixar-se, através desse processo de sedentarismo que se desenvolverá uma nova relação homem/natureza, construindo o necessário para sua sobrevivência, criando e modificando o espaço, construindo um lugar de pertencimento.

Aos poucos a cidade vai ganhando sua marca indelével como um espaço de integração, organizada de modo que, possibilite a convivência social entre os indivíduos, e a permanência e o desenvolvimento demográfico da cidade construindo gradativamente seus aspectos políticos e sociais institucionalizados.

Podemos usar Ratzel, para pensarmos um pouco sobre a cidade contemporânea:

*“... uma cidade é uma reunião durável de homens e habitações humanas que se entrelaçam em uma superfície que se configura no cruzamento de grandes vias comerciais, desencadeia uma relação de dependência, onde os sujeitos irão estabelecer relações em um reduto de realização, na cidade se compra e se vende, desenvolvem-se os aspectos intelectuais, culturais e toda uma configuração de funcionalidades.” (RATZEL, 1989, p.82)*

O ritmo da cidade globalizada é rápido e frio, ritmo imperceptível que disciplina nosso ser e pensar. Identidades multifacetadas, que vão se adequando a diferentes espaços - trabalho, família, amigos - sem assumir uma identidade própria. O homem contemporâneo é – forçadamente – forjado, assim como se forjam as cidades, para atender as exigências de um delimitado tempo e espaço.

*“O empobrecimento da vida acontece à medida que as relações entre as pessoas passam a ser substituídas por relações profissionais ou institucionais. O tempo, por sua vez, se acelera em função do desenvolvimento da técnica modificando, as relações dos habitantes com o lugar e também no lugar.” (CARLOS,2007.p.26)*

A cidade globalizada nos conecta a tudo, nos desconecta de nós, de nossa história, nos dão o mundo em tela, e dessa forma se congela quando procuramos alcançar.

Parece loucura, mas o ritmo frenético da cidade não deixa tempo para observar uma arquitetura antiga, cheia de detalhes, o que se quer é algo grande e vistoso, moderno. E ao patrimônio restam duas saídas: ou são derrubados, ou agregados ao turismo como “bichinhos de circo” – pintados, maquiados, estrategicamente posicionados, planejados para se apresentarem no espetáculo rentável do patrimônio moderno.

A cidade será a responsável de contar sua história, através das transformações que ocorrem no seu espaço físico ao longo dos processos econômico-político-sociais. Dessa forma vemos a cidade no contexto da globalização dividida entre o “novo” e o “velho”, os antigos casarões que antes eram sinônimos de luxo e ostentação, cedem

lugar aos prédios residências. Portanto a cidade está configurando o antigo *versus* o moderno, ambos convivendo, nem sempre de maneira harmoniosa, para dar forma à cidade.

*“Assim a cidade pode ser analisada como lugar que se reproduz enquanto referência – para o sujeito – e, nesse sentido, lugar de constituição da identidade que comporá os elementos de sustentação da memória, e nesta medida, a análise da cidade revelaria a condição do homem e do espaço urbano enquanto construção e obra.”*  
(CARLOS, 2007,p.23)

Como exemplos de cidade moderna, podemos usar a polis, cidade–estado grega, onde era dividido em acrópole, colina fortificada, centro religioso e cidade baixa, lugar utilizado para reuniões. Na Grécia Antiga o conceito de cidade tinha um significado diferente do que existe hoje, era um local onde era exercida pela comunidade práticas políticas. Da mesma forma os romanos fundaram as Civitas, local onde acontecia a participação dos cidadãos na vida pública. É claro que não podem ser comparadas com as cidades modernas, nem com as relações sociais da cidade contemporânea, mas nos serve como referencial das primeiras cidades devido a sua organização espacial e social.

As cidades históricas brasileiras como Ouro Preto, Rio de Janeiro e outras, são consideradas símbolos e carregadas de significados do passado que se interceptam com o presente, construindo uma rede de significados móveis dando-lhes vida através da História. Mas o significado histórico que essas cidades possuem também acarreta pontos negativos, na medida em que sua popularidade a torna um lugar explorado pelo turismo, que passa a modificar sentido de patrimônio, de forma que este venha a atender as expectativas do mercado turístico, perdendo sua originalidade.

Não precisamos nos reportar a grandes metrópoles para identificarmos o fenômeno da globalização atuando sobre os patrimônios históricos, e a luta destes para se manterem vivos diante da modernização das cidades. Com questão procuramos narrar nos capítulos que se seguem o patrimônio histórico, a casa Gayão, da cidade de Serra Branca, no interior da Paraíba, que convive com o antigo e o moderno, delineando seu perfil.

## 1.2 O LUGAR ENQUANTO PERTENCIMENTO

*“O lugar é, em sua essência, produção humana, visto que se produz na relação espaço e sociedade, o que significa criação e estabelecimento de uma identidade entre comunidade e lugar, identidade essa que se dá por meio de formas e apropriação para vida.” (CARLOS, 1996p. 28)*

O lugar não é apenas referenciado enquanto espaço físico, imutável, estático, mas também se formador de identidades para um grupo, na medida em que este se estabelece e faz uso de um determinado espaço, construindo ali laços e determinadas condutas de comportamentos, que serão utilizadas para que aja uma convivência harmoniosa entre os moradores. Dessa forma, para entendermos o processo de significação do espaço de Serra Branca é preciso nos reportar ao algodão, elemento que possibilitou a cidade se desenvolver, criar seus filhos, e dar-lhes uma história singela e singular.

No entanto não é seu aspecto comercial que pretendo tratar, mas seu aspecto arquitetônico, que impressionou uma época onde as coisas eram mais difíceis que hoje. Era um sinal pequeno da modernidade em meio à vida difícil do sertão. Numa época de poucas construções, a casa Gayão, com uma arquitetura esplendorosa, era para os moradores, como nos diz Lemos, um “alienígena”, que apesar de está dentro de um desenvolvimento provocado pelo o ciclo do algodão na Paraíba, era senão uma ruptura, o início de mudanças no cotidiano do povo serra-branquense.

As condições limitadas da cidade e sua pouca visibilidade perante centros comerciais que se desenvolviam na época, não inibiram pessoas como o senhor Gayão e outros comerciantes, que inspirados no seu modelo empreendedor construíram outras casas comerciais, a exemplo dos senhores Antonio Bezerra, Wamberto Torreão e outros. E foi desse modo que Serra Branca começou a ganhar seu espaço. Com o desenvolvimento do comércio, os comerciantes que residiam no campo, mas tinham uma vida voltada para a cidade perceberam que deveriam possuir uma residência na cidade, que naquela época era pouca habitada. Serra Branca passou a perceber uma efervescência demográfica urbana, começa a crescer. Não obstante, esse progresso, não é percebido com tanta animosidade pelos entrevistados, que deixam transparecer um saudosismo de uma época em que o desenvolvimento era pouco, mas os costumes, as amizades, e os valores eram características onipresentes em seu cotidiano.

# Capítulo II

Uma Cidade  
Chamada Serra Branca

## Capítulo II

### 2. CONHECENDO A CIDADE DE SERRA BRANCA

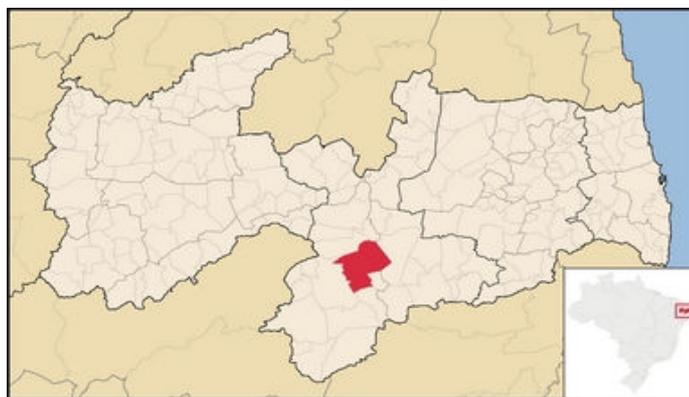


Figura 1: Localização da cidade de Serra Branca no mapa da Paraíba.

Fonte: Google. 2010.

A cidade de Serra Branca, localizada no município da Paraíba, na região geográfica denominada de Cariri especificamente região dos “Cariris Velhos”. Sua zona urbana se encontra a uma distância de 240 km de João Pessoa, capital do Estado da Paraíba.

Serra Branca limita-se: ao norte com o município de São José dos Cordeiros, ao sul com o município de Coxixola e do Congo, a leste com o município de São João do Cariri e Parari e a oeste com o município de Sumé.

De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), no ano de 2008 sua população era estimada em 12.768 habitantes. Com uma área de 921km<sup>2</sup>, Serra Branca está em 8º lugar em extensão territorial, entre os municípios da Paraíba.

O município está incluído na área geográfica de abrangência do semi-árido brasileiro, definida pelo Ministério da Integração Nacional em 2005. Esta delimitação tem como critérios o índice pluviométrico, o índice de aridez e o risco de seca.

É uma área de Clima semi-árido quente, com temperaturas que variam entre 18°C e 35°C, e chuvas ocasionais entre dezembro e março. O inverno é irregular, concentrando os melhores índices pluviométricos em um pequeno espaço de tempo e apresentando grande período de estiagem.

## 2.1 HISTÓRIA DA CIDADE DE SERRA BRANCA

As referências que dizem respeito à história da cidade são bastante escassas, poucos documentos escritos relatam sobre a origem de seus primeiros habitantes. Segundo alguns pesquisadores da região a origem se divide em dois possíveis grupos indígenas que teriam ocupado a região: os Tarairiús e os Cariris.

A resposta se divide, uns pesquisadores acreditam que a região foi ocupada pelos índios Tarairiús, outros, porém, afirmam que teriam sido os índios Cariris. A premissa sobre os Cariris é a mais aceita, nome de batismo da região que ficou denominada de Cariri, posteriormente dividida em Cariri Ocidental e Cariri Oriental. Não obstante, por falta de documentos que corroborem a ocupação pioneira dos índios Cariris, ainda persiste a polêmica de qual grupo indígena teria sido o pioneiro na ocupação do atual Cariri.

A cidade de Serra Branca originou-se de duas fazendas de gado, uma de propriedade do senhor José Pequeno, e outra do senhor José Porfilio Limeira, que residia na localidade conhecida como Ahú. Os primeiros habitantes estalaram-se às margens dos rios Poção e Jatobá que através das suas cacimbas forneciam água para as suas famílias, e seus agregados, na medida em que o povoado foi crescendo outras famílias foram se estabelecendo no local passando a serem também beneficiadas.

As famílias mais antigas e tradicionais eram donas de terras, os fazendeiros, a exemplo o Senhor Antonio Aires Pequeno, cuja fazenda ficava situada às margens do rio Jatobá foi o primeiro fazendeiro dessa região. Logo após vieram os senhores Antônio Pereira e Genuíno Correia de Lima proprietários da fazenda Melada. Seguindo o senhor Antero da Cunha Torreão proprietário da fazenda Areias. Outros fazendeiros vieram depois como os senhores João Pinto, o fazendeiro Francisco Aprígio Vasconcelos Brandão, proprietário das terras de santa Catarina (posteriormente em sua homenagem a Escola Vasconcelos Brandão receberia o seu nome).

FAZENDAS	PROPRIETÁRIOS	LOCALIDADE
De gado	José Pequeno e José Porfilio Limeira	Ahú
_____	Antonio Aires Pequeno	Rio Jatobá
Melada	Antônio Pereira e Genuíno Correia de Lima	Sítio Melada
Areias	Antero da Cunha Torreão	Areias
Santa Catarina	Francisco Aprígio Vasconcelos Brandão	Santa Catarina

TABELA 1: Primeiros fazendeiros da região.

O coronel Antonio (Tota Gayão) além de fazendeiro era também um importante comerciante, sendo o proprietário do primeiro caminhão da cidade. Essas famílias gradativamente, juntamente com as mais simples, povoaram o vilarejo, que atraía habitantes de outros lugares interessados em adquirir terras férteis.

A mentalidade das pessoas de Serra Branca é parecida com os costumes medievais, valores e tradições que são preservados pela pequena cidade. Podemos nos reportar as exuberante cidades barrocas, que Camargo nos fala em seu livro *Patrimônio Histórico e Cultural*:

*“As cidades barrocas não destruíram os vestígios e o tecido das velhas cidades medievais. Elas articularam o palácio do príncipe, dos reis ou dos imperadores como o vértice sobre o qual conduzem os caminhos ou a via principal da cidade. Entretanto, jamais destruíram as velhas praças do mercado ou as catedrais.”* (CAMARGO, 2002, p. 17)

A cidade de Serra Branca já teve três denominações: Jericó, nome bíblico, (não se tem conhecimento porque lhe deram esse nome), Itamorontinga e Serra Branca referência ao principal ponto geográfico da região, segundo a turismóloga Dyala Limeira.

A sua emancipação política foi alcançada em 27 de abril de 1959, mas a instalação oficial deu-se em 10 de abril de 1960 pela lei 2.065, possui dois distritos; Santa Luzia do Cariri, e Sucuru, a comarca foi criada em 1960, com a instalação do cartório de ofício. Dois cartórios, 1º cartório de Registro de imóveis e o cartório de Registro civil, foram instalados na época em que Serra Branca distrito de São João do Cariri. Prefeitos serra-branquenses que governaram São João do Cariri: Joaquim Gaudêncio Queiroz, Francisco Moreira, Genival Torreão Queiroz trouxe durante o seu governo a sede administrativa para Serra Branca e as decisões administrativas passaram a serem tomadas no distrito e não mais em São João do Cariri que era a sede, através do projeto de lei do senhor deputado Nivaldo Brito que Serra Branca foi desmembrada de São João do Cariri em 27 de abril de 1959, conforme lei n 2.065.

## **2.2 A PRIMEIRA ATIVIDADE ECONÔMICA DE SERRA BRANCA**

O algodão foi à primeira atividade econômica na cidade de Serra Branca, sendo de grande importância na formação e desenvolvimento do município especialmente nos aspectos sócio – urbano cultural e material.

Localizada próxima a cidade de Campina Grande, caminho dos tropeiros que passavam pela região transportando o algodão, Serra Branca se tornou um importante entreposto comercial, os pequenos produtores traziam o algodão para o vilarejo para vendê-los nas grandes cidades, a exemplo da cidade Campina Grande.

O algodão produzido na zona rural de Serra Branca, era transportado pelos almocreves, (homens que tangiam os burros) chegavam à cidade, entregavam a mercadoria, recebiam o pagamento pelo frete do algodão e retornavam de Serra Branca, abastecidos com mercadorias: rapadura, querosene e encomendas dos comerciantes locais, que trouxeram riqueza para essa região como um todo.

Segundo o senhor Juvino Limeira (almocreve), as mercadorias eram baratas na época da safra, existia trabalho para as pessoas, possibilitando que elas se mantivessem. As pessoas mais prevenidas juntavam um pouco de dinheiro, que dava para sobreviver nos tempos da entressafra, os que não conseguiam guardar passavam fome, na época existiam muitos mendigos na cidade.

Com a instalação da usina de beneficiamento de algodão, propriedade do senhor Bento de Assis Ribeiro na Cidade, inaugurou um novo período na cultura do algodão que iria facilitar o processo de beneficiamentos do algodão: separava o caroço deixando o produto em pluma.

O investimento era maior, tendo em vista que, o transporte era muito mais barato para o algodão em pluma. O caroço era vendido nos armazéns Medeiros CIRNE e era utilizado na fabricação de óleo, e a pluma do algodão era comercializada para a SANBRA – Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro –, além do que o “manejo” do algodão era mais fácil do que os produtos de subsistência, como o milho e feijão, pois essas culturas tinham que ser renovadas, enquanto o algodão continuaria a produzir por vários anos.

Com a modernização, o transporte do algodão para Campina Grande não seria mais feito pelos almocreves e seus burros, passou a ser transportado de caminhão. O primeiro caminhão que chegou à cidade, um Chevrolet, ano de 1946 de propriedade, como já mencionado anteriormente, do senhor Tota Gayão.

Posteriormente outras atividades foram desenvolvidas a exemplo da agricultura de subsistência – milho e feijão – e a pecuária extensiva que predominou de caprinos e ovinos nas propriedades rurais. Atualmente, com tantas estiagens, estas atividades econômicas não atingiram o desenvolvimento econômico de outrora. Devido à improdutividade os serra-branquenses desenvolvem outros tipos de atividades econômicas, dessa forma a população em sua maioria vive de pequenos comércios, ou de cargos públicos, e os mais velhos tiram sua renda da aposentadoria. Existe também uma pequena indústria de beneficiamento da castanha de caju na comunidade das Duas Serras (zona rural). Podemos observar também o crescimento da Piscicultura artesanal (com uma associação de pescadores) e da Apicultura em pequena produção.

### 2.3 AS PRIMEIRAS CONSTRUÇÕES DA CIDADE

Na época da construção da igreja não existia a praça central, mas sim um espaço de socialização para os serra-branquenses se encontrarem, posteriormente construída a praça, que receberia o nome de praça D. Adauto Pereira em homenagem ao arcebispo da Paraíba. Na gestão do prefeito Manuel Gaudêncio foi feito o calçamento do espaço, e na gestão de Wamberto Torreão deu-se a sua construção, a mesma foi reformada na gestão de Luís Mamede de Lima.

No entorno da Escola Profissional, foi construída a pracinha da Escola que através do o projeto Rondon, recebeu nome Praça cônego João Marques Pereira, em homenagem ao mentor da educação e cultura de Serra Branca, a mesma foi reformada juntamente com a praça central.



Figura 2: Praça Central. 2010. Fonte: Inaldo fotografia.  
Ao fundo a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição

A construção da Igreja se deu por etapas, primeiro foi construída a capela quando o espaço não comportava mais os fiéis, dando início à construção da Igreja em setembro de 1908 a 1910, o mestre de obras foi o senhor Luis Gomes de Souza.

As terras doadas para a construção da Matriz Nossa Senhora da Conceição foram doadas pelo o senhor Porfilio Limeira. Passaram-se anos para a conclusão da obra, sua inauguração deu-se em 20 de setembro de 1908, as terras do patrimônio da Igreja também foram doadas para os primeiros moradores e outra parte vendida para os futuros moradores que construíram suas casas na parte mais antiga da cidade.



Figura 3: Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição. 2010.

Fonte: Edileide Maria.

Na administração do senhor Manuel Gaudêncio e Álvaro Gaudêncio, foram feita abertura das ruas da cidade, o que viabilizou o aumento demográfico da cidade e consecutivamente a construção de casas e alteração no modo de vida dos moradores, o limiar da modernização em Serra Branca.

## 2.4 EDUCAÇÃO

Quando nos remetemos ao histórico da Educação brasileira, fica visível perceber que a educação de Serra Branca não é diferente das outras cidades, especialmente do interior. Tendo a educação local da cidade mantida pela paróquia, a exemplo Escola Profissional Pio XII, que começou a funcionar na sacristia da paróquia, em 16 de Fevereiro de 1965 até março do mesmo ano, quando foi inaugurado o prédio da escola, só depois o Estado passa a ser responsável pela educação, saúde, social e outros setores da sociedade.

Nos primeiros tempos as escolas funcionavam nos salões do senhor Antero da cunha Torerão, em outra época era nesses locais que se armazenavam o algodão. Em 1956 o cônego João Marques Pereira, fundou a Escola Profissional Pio XII, devido à fundação padre Biapina posteriormente, conseguiu uma verba que seria utilizada para a construção do Ginásio Industrial, dando seqüencia ao projeto de desenvolver a Educação nesta cidade. Inicialmente as aulas funcionavam em salões, depois instalaram no prédio que iria funcionar a Escola Profissional Pio XII; oferecia o ensino

fundamental, cursos de datilografia, artesanato, bordado a máquina, os primeiros professores foram: Paulo Lopô , Estelita Antonino de Souza , Creuza Ribeiro.



Figura 4: Parada de 7 de setembro: Escola Profissional Pio XII. Década de 1950.

O Ginásio comercial Wamberto Torreão foi criado em 1963, os alunos davam uma pequena contribuição para pagar o salário dos professores, o cônego João Marques Pereira, através do deputado Federal Primo Lemos conseguiu uma verba do Ministério da Educação para a sua construção, começando no ano de 1963 até novembro de 1965, no início funcionava apenas o ginásio, passando a funcionar o ensino médio no ano de 1967.

A Escola Vasconcelos Brandão foi construída pelo o governador Osvaldo Trigueiro de Albuquerque de Melo. Segundo d. Estelita o padre João Marques Pereira foi um grande mentor na busca pela a educação em nossa cidade e tanto que as primeiras escolas foram criadas pela paróquia local e através do mesmo conseguiria verba destinada para construção da Escola Profissional Pio XII, implantação do colégio Industrial de maneira que sua contribuição inegável para a cultura e educação, sendo Serra Branca conhecida pelo desenvolvimento educacional e cultural.

## 2.5 MANIFESTAÇÕES RELIGIOSAS E CULTURAIS REMANESCENTES



Figura 5: Festa da Padroeira Nossa Senhora da Conceição. Década de 1950.

Serra Branca já não apresenta os traços culturais das primeiras décadas de sua fundação, quando era conhecida pelo apogeu cultural, eram impressionantes os antigos carnavais e as vaquejadas, programas de auditório, programas culturais realizados pelos jovens, a vida cultural e social era elaborada de maneira que envolvia a sociedade como um todo; o município proporcionava momentos de lazer para a sociedade. Atualmente a festa da padroeira Nossa senhora da Conceição e as festas juninas são as que merecem destaque. Segundo Dona Gerusa Mamede:

*“No dia da festa da padroeira 08 de dezembro, as comemorações começavam pela manhã, a missa era realizada em latim, pelo o vigário João Marques Pereira ,quando a missa era em latim o padre ficava de costas para os fiéis , diferente de hoje o padre está mais próximo dos fiéis, no fim da tarde a festa era encerrada com uma belíssima procissão, nessa época a parte social da festa acontecia em frete à Matriz, tinha o espaço para o pavilhão a banda de música era uma das atrações principais para a sociedade como um todo , para os mais velhos para as mocinhas , rapazes aproximavam as famílias , pois aqueles que moravam distantes vinham para a festa da padroeira hoje ainda persistem a tradição mais com um certo saudosismo por parte da população de maneira que a parte profana provocam renovação de acordo com a modernização dos tempos, mas á parte*

*religiosa ainda atrai fiéis.*” (Mãe do ex-prefeito da cidade Luís Mamede de Lima).

No artesanato destaca-se a cerâmica (barro) com grande potencial artístico, despertando nas pessoas admiração, a vida simples do interior, uma cultura herdada dos índios Cariris os primeiros habitantes da região, peças de uma originalidade que deverá ser reconhecida, quando despertamos para a atividade do turismo como meio de tornar a valorizar a nossa identidade e como forma de preservar o patrimônio histórico e cultural, preservando o espaço e dando sustentabilidade às atividades que contribuíram em salvaguardar a memória de um povo, é preciso valorizar a nossa identidade cultural, o saber e o saber fazer.

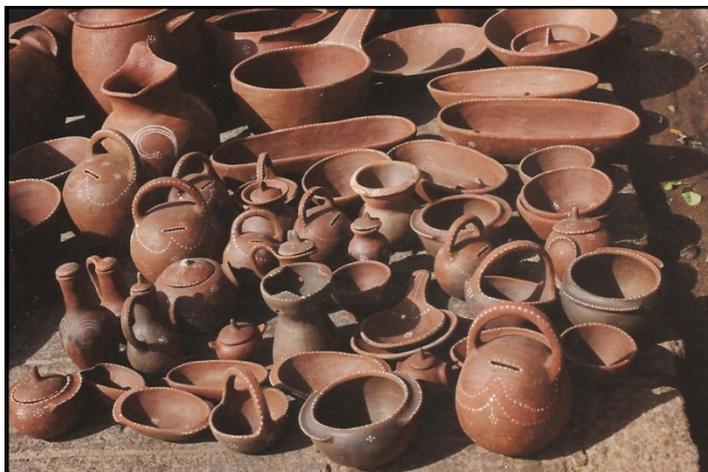


Figura 6: Artesanato de cerâmica da cidade de Serra Branca.

Fonte: Inaldo fotografia

## **2.6 SAÚDE**

Nos primeiros tempos da cidade a saúde era muito precária, não havia na região médicos nem casas hospitalares que atendessem as necessidades da população local. A população se valia dos conhecimentos das ervas e da homeopatia do senhor Antônio Pedro.

Quando o senhor Luis de Souza veio morar em Serra Branca, instalou uma farmácia na cidade, naquela época era comum os farmacêuticos fazerem consultas, senhor Abel preto conhecido em toda a região consultava as pessoas atendendo em suas residências, foi por iniciativa do padre João Marques Pereira que o Estado instalou o primeiro posto médico Unidade Sanitária de Serra Branca que inicialmente funcionava na casa paroquial tendo como médico o Dr. Francisco, através de doações da população para manter o atendimento. Naquela época a saúde e a educação não recebiam investimento do Estado, no interior as dificuldades sobressaiam em relação às cidades maiores que recebiam mais investimentos. Atualmente a cidade conta com um hospital, cinco postos com Programa Saúde da Família, o consórcio Intermunicipal da Saúde do Cariri Ocidental – Cisco com especialidades.

## **2.7 O LIVRO DE TOMBO (1957 a 1988): HISTÓRIA ESCRITA**

O termo de abertura se refere aos registros importantes da paróquia de Serra Branca, informações primordiais para entender como se deram esses fatos que se tornaram conhecidos através da sua divulgação para a população local.

O presente texto vem relatar a pesquisa executada no livro de tombo correspondente aos anos de 1957 a 1988, que tratava de assuntos de grande importância para a cidade de Serra Branca, o mesmo encontra-se em bom estado de conservação. Inicialmente o texto trata da implantação da Escola Profissional Pio XII, trazendo grande alegria para a população dessa cidade, o momento foi de grandes festividades, estavam presentes como autoridades o padre João Marques Pereira, o bispo D. Otavio de Aguiar, o prefeito Álvaro Gaudêncio. No mês de novembro foram celebradas as bodas de prata do padre João Marques Pereira, reverenciado pela população e as autoridades o município, sacerdotes, a cidade encontrava-se ornamentada para celebra a

data. Na ocasião o padre foi homenageado com o título “cidadão serra-branquense” outorgado pela Câmara Municipal e aprovado pelo prefeito Álvaro Gaudêncio. Compareceram às solenidades diversas autoridades, uma data festejada e muita significativa para a comunidade católica, a cidade encontrava-se ornamentada e o povo após a missa, os alunos das respectivas escolas desfilaram pela cidade; o Ginásio Wamberto Torreão, Escola Profissional Pio XII, grupo Escolar Vasconcelos Brandão, depois da sessão especial, foi entregue o título de cidadão serra-branquense a sessão e presidida pelo o prefeito Álvaro Gaudêncio, comparecendo a solenidade diversas autoridades o gerente do Banco do povo e muitos sacerdotes entre os quais Mons. José Bonifácio, Mons. João Honorato e as famílias e todos os representantes das classes sociais da paróquia.

O padre João Marques Pereira trouxe a professora Maria de Lourdes Souza, para ministrar o curso de trabalhos manuais para as professoras da Escola Profissional Pio XII. Foi realizado um convênio entre o ministério da Educação com o apoio do deputado Plínio Dias devido à criação da Escola Profissional Pio XII, ficando estabelecido que através da implantação do ensino primário a criação do Ginásio, ficando a cargo do governo construir o Ginásio industrial, a cópia deste convênio esta registrada no primeiro cartório desta cidade títulos e documentos. O presente convênio foi assinado pelo o ministro da Educação Darcy Ribeiro, e o representante da Escola Profissional Pio XII, o deputado Plínio Lemos. No mês de setembro a imagem de Nossa Senhora dos milagres retornar restaurada do Recife onde foi realizada como de costume nesta cidade a festa da padroeira.

Este livro trata da criação da Escola profissional Pio XII, trazendo grande alegria ao povo da cidade outras conquistas como a construção do Ginásio Wamberto Torreão, que trouxe grande contribuição Educação local onde todos poderiam cursar o ginásio e o ensino médio em Serra Branca.

O texto também trata da entrega de certificados e exposição dos trabalhos manuais, o curso foi ministrado pela Professora Maria de Lourdes Souza, e entregue em solenidade pelo o padre João Marques Pereira, as alunas que eram professores da Escola Profissional Pio XII. Relatando a conclusão do Ginásio Industrial de Serra Branca, uma obra que a cidade recebeu pela dedicação do deputado Plínio Dias. Foram concluídas em novembro de 1956, o convênio foi celebrado entre o Ministério da Educação e

Cultura (MEC), por intermédio da diretoria do Ensino Industrial e a Escola Profissional de Serra Branca, foi assinado no gabinete do ministro da Educação e Cultura, Darcy Ribeiro e o representante devidamente credenciado da escola Profissional, deputado Plínio Lemos, foi firmado o convênio para construção do mesmo.

A população serra-branquense recebeu com grande satisfação o levantamento do primeiro poste da eletrificação de Paulo Afonso na década de 1960, se iniciava um novo período para a cidade. Juntamente o desenvolvimento iria transformar o cotidiano dessas pessoas que até então viviam de forma precária sem iluminação pública e outros melhoramentos que conseqüentemente trariam melhor qualidade de vida para a população.

A inauguração da eletrificação da cidade foi um ato solene que trouxe autoridades ilustres, a exemplo o governador do estado Dr. João Agripino Filho, o deputado Federal Plínio Lemos, o vigário padre João Marques Pereira, prefeito Álvaro Gaudêncio, e a sociedade local.

Inauguração do cine Educativo foi outra obra adquirida para a sociedade local, através das doações para obras sócias valorizando a cultura, o padre João Marques percebeu que a comunidade precisava de divertimento, pois não existia cinema na cidade o mesmo buscava investir na educação dos serra-branquenses.

A extinção da sede paroquial de São João do Cariri e a transferência e criação da mesma em Serra Branca, com o nome de Nossa Senhora da conceição a igreja com todos os títulos e faculdades própria da igreja paroquial, na forma do sagrado concilio Tridentino e conforme os cânones 1427e 1429 do poder jurídico outro sim fica a dita paróquia obrigada a todas as sãs prescrições dos sagrados cânones, em particular dos parágrafos 888, 889, 890, 891, 892, 894, e dos direitos do concilio plenário da America Latina, gozando todos os direitos privilégios, honras, prerrogativas e anotações da igreja paroquial. Quando a sede foi transferida de São João do Cariri para Serra Branca, gerando grande disputa entre as duas cidades, fato que e lembrado até hoje por ambas as populações.



# Capítulo III

Patrimônio Histórico de Serra Branca:  
Casa Gayao, um Signo de Modernidade

## Capítulo III

### 3. O SENHOR GAYÃO E A FUNDAÇÃO DA CASA



Figura 7: Casa Gayão, Serra Branca. Setembro de 2010. Fonte: Edileide Maria

O senhor Joaquim de Andrade Gayão chegou a Serra Branca no início da década de 1920, ele trazia as mercadorias do Recife nos burros de carga, naquele tempo não existia automóveis, eram raros ainda mais no interior, começaram a comercializar suas mercadorias em um banco da feira, que aos poucos foi melhorando consideravelmente. Naquela época Serra Branca era um pequeno vilarejo, mas devido ao comércio do algodão o pequeno vilarejo começou a configurar seu desenvolvimento.

Entretanto o senhor Gayão se estabelecendo, no ano de 1930 deu início a obra, a mesma só ficaria concluída em 1942, levando um bom tempo para sua finalização. Reformou o casarão antigo, que antes era uma propriedade rural, instalando a Casa Gayão, inicialmente atribuída como a primeira casa comercial de Serra Branca.

Sendo de grande importância a sua fundação pelo senhor Joaquim de Andrade Gayão, mostrando um empreendedorismo e certa habilidade para o comércio. O senhor Gayão que fundará a Casa, na época era um empreendimento considerado por todos, de grande beleza arquitetônica, despertando admiração por parte da população local. Foi nesse contexto que a Casa Gayão tornar-se um espaço de socialização para a população

serra-branquense, onde se discutia os mais variados assuntos, e outra parcela da população – a feminina – buscava ficar a par da moda das cidades como Recife e outras.

Sua construção favoreceu o desenvolvimento econômico da cidade de Serra Branca, através do comércio de algodão, mudando progressivamente o caráter daquela pequena localidade com poucas residências, cujos locais destinados à comercialização se apresentavam de forma insuficiente.

### **3.1 CASA GAYÃO: REFERENCIAL DE DESENVOLVIMENTO PARA A CIDADE DE SERRA BRANCA**

A casa era bastante conhecida pela região, às pessoas da época comentam que as pessoas das áreas circunvizinhas vinham comprar produtos, que não se resumiam aqueles relacionados ao algodão, vendendo no atacado e no varejo e bem mais barato que os demais comerciantes da região atraindo cada vez mais fregueses.

A casa era uma espécie de “mercado Pérsia” ou como conhecemos hoje “Shopping Center”, se comercializava de tudo, de cereais, estivas e tecidos, até o chapéu Hamazoni para as senhoras.

O desenvolvimento positivo do comércio possibilitou também a ascensão econômica de alguns moradores, a exemplo do senhor Joaquim, que começou como almocreve e depois, graças ao seu empreendedorismo tornou-se um dos mais importantes comerciantes da região. Quando começou com as atividades comerciais, Serra Branca tinha poucas residências, mas com mercadorias variadas e a simpatia no atendimento sua loja ganhava mais clientes, o fluxo de pessoas aumentou gradativamente, contribuindo para o aumento do lucro do proprietário e o desenvolvimento da cidade.

O prédio atualmente fica localizado na Avenida Álvaro Gaudêncio, na esquina ao lado da Praça Central, em frente à praça está localizado o beco do sete, local que inicialmente foram construídas as primeiras edificações da cidade, destinada a moradia da elite local, outras pessoas não podiam residir nessa localidade, haja visto o conservadorismo dessa elite que imperava.



Figura 8: Casa Gayão: Avenida Álvaro Gaudêncio.2010. Fonte: Edileide Maria.

Rua que antigamente era chamada “Rabo da gata”, hoje denominada Rua Joaquim de Andrade Gayão, onde está situada a casa Gayão, ainda popularmente conhecida como “rabo da gata”, segundo seus moradores a rua recebeu esse nome devido a três mulheres muito bonitas que lá residiam, as quais despertavam a malícia da sociedade, constata-se que naquela época a sociedade prezava pelos bons costumes.

O atual proprietário da casa Gayão, o senhor Anchieta Gayão, filho do senhor Joaquim de Andrade Gayão, fez uma reforma no interior da mesma, preservando uma vitrine dos tempos em que a casa funcionava o comércio. Na outra metade o dono montou um escritório para receber os amigos e relembrar os tempos em que a casa era uma efervescência. Recentemente a fachada passou por uma pintura, o que reforçou ainda mais a sua beleza arquitetônica.

O casarão pertencente à família do senhor Joaquim de Andrade Gayão, localizado na Avenida Deputado Álvaro Gaudêncio, impressiona pela sua arquitetura. No interior a sua sala principal está composta de pinturas (afrescos) feitas por um artista vindo do Recife, naquela época como não existiam profissionais especializados nas pequenas cidades, os senhores que pertenciam à elite local costumavam trazer tais profissionais das cidades mais desenvolvidas. Contudo é relevante mencionar que não apenas a Casa Gayão se tornou referência na cidade, mas outros casarões também merecem destaque pela sua beleza arquitetônica, como por exemplo, o pertencente à família do senhor Aimar Gaudêncio, construído no ano de 1929, e está localizado na Rua Manuel Gaudêncio. O casarão do senhor Gideão Maracajá, que está localizado na

Travessa Antônio Gayão, “beco do sete”. Outro casarão, encontrado na cidade pertencente do senhor Alirio Mota, localizado na Rua Coronel Manuel Gaudêncio.



Figuras 9 e 10: Casarões antigos. Serra Branca – PB, 2010. Fonte: Edileide Maria

É importante observar a partir dessas construções, que mesmo naquela época em que os grandes monumentos encontravam-se nas grandes cidades, era impressionante vê que em Serra Branca também existiam casarões que deixavam as pessoas admiradas pela sua arquitetura, principalmente os pertencentes à elite serra-branquense que antes acostumados com o modo de vida rural, começam a desfrutar dos prazeres da vida na cidade.

Todas as edificações são construídas em alvenaria e estão em razoável estado de conservação guardando a arquitetura de uma época em que a elite se destacava das demais camadas sociais pelas residências luxuosas. Esses casarões guardam em suas

paredes a beleza de uma época, protegem simbolicamente o modo de vida dessas pessoas, como viviam e se relacionavam.



Figura 11: Afrescos nas paredes da sala da casa de Gideão Maracajá. 2010. Fonte: Edileide Maria



Figura 12: Piso em mosaico estampado na casa de Gideão Maracajá: 2010. Fonte: Edileide Maria

No âmbito brasileiro, existe uma quantidade razoável de edificações residências que ainda não foram analisadas, e são, portanto merecedoras da nossa atenção, concebidas para uma elite local morar, sendo muitos desses casarões atualmente, senão destruídos, são reformados, descaracterizando a sua originalidade.

No entanto, o que falta ao nosso país ainda é uma conscientização por parte do poder público e da sociedade para que juntos possamos preservar nosso patrimônio arquitetônico.

### **3.2 O COTIDIANO DA CASA GAYÃO**

Era um espaço de sociabilidade, onde se discutiam os mais variados assuntos: política, comércio; enfim assuntos relevantes para o cotidiano da cidade.

Vinham pessoas de todos os lugares, do campo, cidades vizinhas para comprarem na cidade de Serra Branca, as lojas eram freqüentadas desde os grandes comerciantes da região até os mais simples trabalhadores rurais, as senhoras se encantavam em meio às “fazendas” (nome utilizado para designar tecido) e os aviamentos para elaborarem suas roupas na época das festas da padroeira de Nossa Senhora da Conceição.

A fundação da casa trouxe transformações na vida dos serra-branquenses, não apenas o desenvolvimento econômico, mas especialmente o nível cultural e social.

O cotidiano das famílias ia se transformando, na medida em que iam se estabelecendo na zona urbana, o que elas pensavam nessa época, era diferente do que carregam no seu subjetivo de outrora. Estavam agora impregnadas pelo impulso da modernidade, mas que isso, Serra Branca começava a passos lentos desenvolver-se principalmente na vida cultural da cidade, dando início as primeiras construções arquitetadas com muito esmero para a época.

Construções estas que foram investimentos dos senhores que lucravam com o algodão, que vieram residir na cidade para melhor comercializar e onde ergueram suas magníficas residências impulsionando o desenvolvimento da cidade. Essas construções viabilizaram melhoramentos como a pavimentação das ruas, modernização no sistema de luz, que antes era a base de motor, ligava cedo e desligava às dez da noite, tempos depois a luz elétrica seria gerada a base de um motor de caminhão, depois a energia elétrica passou a ser gerada a vapor.

O primeiro eletricitista o senhor Raul Arão, que ligava o motor às seis horas da noite e o desligava às onze horas da noite, já às dez da noite era dado um sinal que a luz iria ser desligada. Janúncio Braz outro eletricitista, este na época do senhor Genival Torreão, compraram um motor mais potente ao qual serviria para a instalação da Eletro Cariri(fornecedora de energia).

Naquela época a modernização não fazia parte da vida desses moradores, a Casa Gayão era uma imensa construção e meio a tanta simplicidade. Mas isso não quer dizer que esses homens não se sentiam orgulhosos de morar nessa cidade, uma mistura de novos e antigos costumes que são marcas presentes até hoje nos serra-branquenses. À exemplo podemos citar o artesanato da cerâmica de barro, atividade que sobrevive até hoje através das mulheres que aprenderam e realizam essa arte secular atravessando gerações, segundo os mais velhos, considerada uma tradição herdada dos índios cariris os ditos primeiros habitantes da nossa região. Peças que guardam em sua originalidade memórias e cultura de um povo, também utilizada como fonte histórica e atração turística da cidade, devendo ser valorizada e preservada como patrimônio Histórico e Cultural do povo serra-branquense.

### **3.3 CASA GAYÃO: O LIMIAR DO PROGRESSO EM SERRA BRANCA**

Com a construção da casa Gayão abriu-se espaço para a instalação de outras casas comerciais, nesse contexto, a cidade foi crescendo e outras residências foram aparecendo como resultado dos bons rendimentos das práticas comerciais da região, a exemplo o comércio do algodão, e aos “os senhores do algodão” que aplicavam a renda do algodão em suas propriedades e investiam na construção de residências, para se instalarem com suas famílias; seus filhos passariam a construir seu cotidiano, suas senhoras vinham desfrutar dos costumes da cidade, passavam a vivenciar outros hábitos, e a conviverem em sociedade, aonde aos poucos irá se estabelecer como a elite local.

Destacando assim as práticas cotidianas dos serra-branquenses tendo como ponto de encontro a casa Gayão trazendo desenvolvimento para a cidade e criando seus atores, forjando uma cultura local, devido a essa importância que a casa Gayão galgou, ela se tornou um símbolo histórico para a comunidade, um Patrimônio Arquitetônico de memória e referência.

A casa deve ser entendida como um invólucro das atividades referidas à cultura.

O prédio encontra-se localizado na avenida principal, de nome Álvaro Gaudêncio, praticamente de frente com a residência do senhor Gayão, onde se encontra outras residências das pessoas mais abastadas, o comércio de Serra Branca está concentrando nessa avenida, ao lado está localizada a praça central e a Igreja Matriz, de

frente a Praça Central inicia-se o “beco do sete” considerada uma das partes mais antiga da cidade, nesse local funcionava a feira, pousadas, o mercado público, hoje encontra-se deteriorado, encontra-se em pé apenas a frente e a lateral do prédio, a loja de sapatos do senhor Alírio Mota vendia tecidos na época do seu pai, continua no ramo de comércio atuando não mais no departamento de tecidos, mas de calçados.

O cotidiano torna-se uma análise do real importante quanto a reprodução da vida, o cotidiano tornar-se enfático e o social, mediador entre o econômico e o político atingido assim o real em todas as esferas, o cotidiano envolve momentos da vida social e cultural.

### **3.4 ARQUITETURA DE SERRA BRANCA**

A arquitetura de Serra Branca é dividida entre casas mais antigas, cuja construção podemos datar como pertencentes à década de 1930, e as casas cuja edificação são mais recentes. É possível notar um crescimento considerável no setor imobiliário, influenciado pelo aumento demográfico de pessoas que vêm na cidade um lugar de oportunidades, devido também a fama acolhedora que Serra Branca possui.

No início da acomodação esses novos habitantes foram se estabelecendo e construindo suas primeiras residências na localidade conhecida por “beco do sete”.

No entanto sem um planejamento prévio o número de casas foi crescendo de forma desordenada. As casas mais antigas pertenciam à elite que veio se estabelecerem na época desde o desenvolvimento do algodão, investindo o seu lucro na construção das suas casas, o que contribuiu para o desenvolvimento da cidade, muitas dessas casas traz na fachada a representatividade de uma época onde o desenvolvimento desse período é visível.

Serra Branca apresentou significativo desenvolvimento material e cultural, com o transporte do algodão para a rainha da Borborema, de modo que os almocreves traziam o desenvolvimento nos lombos dos burros onde esse desenvolvimento contribuir para que as famílias que trabalhavam com o algodão passassem a investir na cidade, onde compravam casas e faziam negócios, eles tinham casas na cidade e continuavam a residir nas suas propriedades rurais, Serra Branca então servia como local de lazer, onde

vinham passar as férias e traziam seus filhos para estudarem, a vida social e as decisões políticas se encontravam na cidade.

### **3.5 CULTURA E MEMÓRIA: O PATRIMÔNIO SIGNO DE REPRESENTATIVIDADE**

De acordo com Varine Bohan (19750), citado por Lemos o patrimônio cultural é dividido em três categorias: o primeiro se refere aos elementos pertencentes ao meio ambiente, recursos naturais; o segundo está relacionado ao conhecimento, às técnicas, ao saber e ao saber-fazer, sendo considerados elementos não tangíveis do patrimônio cultural; o terceiro grupo de elementos é o mais importante de todos, pois reúne os chamados “bens culturais” que englobam toda espécie de coisas, objetos, artefatos e construções obtidas a partir dos dois primeiros elementos.

Sendo, portanto o terceiro grupo referente ao patrimônio arquitetônico, não devermos tratar o patrimônio apenas como um artefato, mas também como parte integrante de algo que deve ser preservado, valorizado, um elemento de simbologia e representatividade de uma época, que preserva em suas formas sólidas parte de nossa cultura, de nossa memória.

Para o historiador é desafiante, mas de fundamental importância buscar problematizar o cotidiano dos indivíduos, de forma a buscar respostas sobre seus comportamentos e identidades, uma cultura que se forma a partir de seu contexto histórico, político, econômico e social. Essas questões precisam ser abordadas de diferentes ângulos, onde o historiador procurará abordar tais questões das mais diferentes perspectivas, propondo reescrever a história de um povo, de uma cultura, de pessoas comuns construindo e sendo construídas pelo seu espaço. Dessa perspectiva, a nova História Cultural, vem ser de grande aliada, possibilitando ao historiador um novo diálogo com o seu objeto de estudo, o trazendo para perto, um objeto que não se limitará as grandes narrativas, nem aos grandes acontecimentos, mas apenas ao cotidiano simples e singular de um povo, de um homem, de alguém que fez sua história, resgatando o cotidiano das pessoas simples, sujeitos transformadores da sua própria realidade.

Com o surgimento da Nova Cultural surgiram novas temáticas e objetos, e as fontes se configuram de forma renovada, onde o historiador passa a trabalhar, dando um novo enfoque para essa área do conhecimento, limitando-se assim entre verdade e ficção, entre real e não- real, enfocando o imaginário como uma instância para além dessas distinções, sendo importante que o historiador busque o caminho da transdisciplinaridade, que se revela na escolha dos temas e objetos, de modo que o possibilitem a trabalhar nas várias disciplinas como sociologia, antropologia, economia, múltiplas disciplinas aliadas para darem um novo significado a História.

Portanto a cultura despenhará como forma de expressão a tradução da realidade onde dará aos atores sociais um novo significado e uma apreciação valorativa da sua história de vida.

Dessa forma transferimos o foco da cultura para seu espaço de ação, o lugar definido, a cidade, no caso de nossa pesquisa a cidade de Serra Branca, construção humana, e produtora de relações humanas, são no âmbito das cidades que as relações iram se transformar, direcionadas para a necessidade de sociabilidade que as cidades suscitam, se configurando assim, como espaços de criação cultural.

### 3.6 TURISMO E PRESERVAÇÃO

#### *Uma viagem pela história do patrimônio brasileiro*

O turismo e os patrimônios históricos têm uma relação antiga, que nos remete ao século XVIII, precisamente a Revolução Francesa. A preservação de monumentos significou uma atitude rentável para os revolucionários que poderiam lucrar através dos viajantes. Reportando-nos ao Brasil, restringimo-nos a priori no Rio de Janeiro durante século XIX, cenário de profundas mudanças na antiga sociedade colonial devido à vinda da família real portuguesa e de estrangeiros, a maioria britânicos, tornado o Rio o centro da monarquia e do império português.

*“A cidade não apenas cresce. Ela irá tornar-se, como metrópole, um paradigma modelar para outras cidades e regiões brasileiras. O centro da vida política, dos modismos, das inovações. Ela será a área emissora por excelência que irá moldar os centros receptores, inventando-os para o turismo.” (CAMARGO, 2002.p.68)*

A transição do trabalho escravo para o trabalho livre e a institucionalização deste último são os elementos históricos determinantes, condição essencial para o turismo e o lazer.

O século XIX no Brasil é marcado por um período de profundas mudanças: abolição, República, imigração, migração, industrialização e laicização crescente da sociedade com a separação da Igreja e do Estado. Se associando a esse novo período da história brasileira, o prefeito Pereira Passos do Rio de Janeiro dá início a destruição de edificações legadas pela colônia, dos tempos do rei D. João VI, iniciando o processo de urbanização – leia-se “civilização” – da cidade. Logo, essas construções também forma demolidas, o modelo de “civilização” européia, dar lugar ao modelo de “civilização” americana. Depois do Rio, São Paulo, modernizando com o café.

Em seguida, Ouro Preto, a cidade que inventou o patrimônio. No ano de 1897, Ouro Preto deixa de ser capital do Estado sucedida por Belo Horizonte, tendo sua importância drasticamente reduzida. Mas sua importância como patrimônio rendeu a cidade o título de monumento nacional em 12 de julho de 1933. “A figura de Tiradentes, proto-mártir da independência, é o elemento essencial. Os despojos de seu

corpo esquartejado consagram a cidade como altar da formação da nacionalidade.” (*idem*, p.84). Essa história cujo conceito de epopéia servirá aos propósitos da reorganização do estado após a Revolução de 1930, particularmente à ditadura do Estado Novo de Vargas, contra doutrinas estrangeiras. O que se quer dizer com isso a apropriação do patrimônio pelo varguismo para seus interesses. No sentido de apelo a tradição, a ordem, aos sentimentos religiosos, ao conservadorismo, elementos manipulados politicamente, também se articulava a isso a tomada do patrimônio enquanto atrativo turístico ligado ao Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), onde o turista só poderia ver aquilo que o governo determinasse. Esse interesse de ligar o patrimônio e o turismo incentivou o governo Vargas a construir outros monumentos.

### *O turismo na atualidade*

O turismo na atualidade é uma das ferramentas que precisa ser pensada, não apenas pelos grandes centros urbanos, mas especialmente pelas pequenas cidades. A modernidade pressiona as cidades a se renovarem, a se configurarem como espaços de espetáculos transformando celebrações tradicionais em “festas mercadorias”, monumentos de atração, a cidade se transforma em palco a serviço do capital. Casas são demolidas e refeitas, dando espaço ao novo, arquiteturas consideradas documentos inúteis jogados fora, de modo que os bens culturais existentes na cidade estão constantemente sendo alterados.

Um das manifestações turísticas da região é a festa da padroeira Nossa Senhora da Conceição, se realiza no final de semana da semana do dia 8 de dezembro.

Outra grande atração turística é a Serra do Jatobá, também conhecida por Pedra Esbranquiçada (origem do nome da cidade), grande rocha de cor branca (que pode ser vista até do espaço), predominando sobre a caatinga e que forma em seu redor área permanentemente verde em função do solo arenoso e a presença de umidade, mesmo nos períodos de seca. O local tem tudo para o turismo, possibilitando vôos de asa delta. A pedra tem inclinação adequada, os ventos são fortes e constantes, a luz do Sol é abundante e a paisagem, vista de cima é deslumbrante!



Figura 13: Serra do Jatobá, município de Serra Branca:2010.

Fonte: Google.

Na serra do Jatobá existe um conjunto de pinturas rupestres em um grande lajedo e caverna. O Local é muito interessante para realização de "trekking". A Serra Branca ou Serra do Jatobá é considerada o maior batólito da América do Sul, um local perfeito para trilhas, rapel, escaladas, e várias outras modalidades de esportes de aventura, encontra-se também no local um restaurante que serve para os fregueses comida regional "vale a pena conferir". Há também o Santuário do Menino Jesus de Praga, situado no Bairro dos Pereiros.

É dever nosso preservarmos o Patrimônio arquitetônico como forma de preservarmos também nossa cultura. Atribui-se ao turismo certa significação social ao Patrimônio Cultural e Histórico, assumindo assim a função de preservar esses bens para servirem de atração turística, e consecutivamente elemento positivo para desenvolvimento econômico e prestígio social. Dessa forma se torna importante preservarmos o nosso Patrimônio tanto o tangível como o intangível.

O turismo rural é uma das possibilidades para gerar desenvolvimento econômico, cultural e social para a cidade, no entanto é preciso se pensar em estruturar o município para isso, é preciso fazer um planejamento que deve passar primeiro pelo sistema educacional, despertando a população de forma que a mesma, venha a sentir como parte integrante, principalmente no que se refere a preservação do Patrimônio Histórico e Cultural, de modo que busque valorizar a sua identidade, pois estarão buscando novas possibilidades de emprego e renda, construindo a vida cotidianamente de modo a tornar viável o desenvolvimento local, melhorando a vida das pessoas, mas principalmente de preservar a história local. Sendo assim é de grande importância que cada povo não deixe

sua história desaparecer de modo que assim se preserve também sua identidade, pois um povo sem história não terá como manter o seu passado preservado.

A elite local é a mais interessada em criar um cenário propício para recuperar os testemunhos materiais de seus antepassados numa inércia de saudosismo mantendo assim a memória familiar viva, os pesquisadores iram preservar bens culturais ligados ao seu campo de atuação é importante valorizar a nossa identidade cultural, e nos empenharmos em manter a nossa identidade, o saber-fazer, de maneira que agreguemos valores aos elementos culturais e não subtraí-los, é de grande relevância que os aspectos culturais sejam respeitados para isso é importante que a cidade esteja envolvida nesse processo, a educação, o controle ambiental e urbano e a capacitação profissional, se tornando de fundamental importância a interação desses elementos a esse processo, um empreendimento não só de caráter econômico, mas, sobretudo social, que deve não apenas beneficiar-se financeiramente, mas propiciar um desenvolvimento social, onde a população em sua íntegra, se veja como parte integrante desse processo onde se passará a potencializar a reapropriação da cidade pelos moradores e renovando o sentimento de pertencimento e orgulho do lugar e dos seus respectivos patrimônios históricos culturais.

Não obstante, o mais importante é conhecer e valorizar a história local, a história não mais de um povo seletivo, de um povo considerado “potencial”, mas a sua história, a história de sua cidade, de sua vida, história deverá mais importante e significativa que qualquer outra.

### **3.7 ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA VS. PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL: UM POÇO INTRANSPONÍVEL?**

A especulação imobiliária é outro fator que prejudica a manutenção e valorização do Patrimônio Arquitetônico sendo viável para muitos proprietários derrubar ou reformar essas construções descaracterizando a sua originalidade em busca de outros investimentos, ou mesmo condicionando seus imóveis ao advento da modernidade. Nesse ponto podemos nos referirmos a como os patrimônios históricos, tanto os construtivos, como os imateriais, são moldados, ou melhor, resignificados, durante o tempo, atendendo ao contexto ao qual estão inseridos, dessa forma sua

alteração será feita de acordo com interesses, sejam eles políticos, sociais ou econômicos.

No nosso momento histórico, a que muitos se referem como modernidade, essas construções são rapidamente anexadas a sociedade capitalista, transformando-se em empreendedorismo. Alteradas para atender à demanda da “sociedade do espetáculo”, que transmuta o bem arquitetônico, o bem cultural, em mercadoria consumível e rentável.

Na cidade de Serra Branca, podemos fazer uso dessa questão, onde os imóveis têm altos preços, especialmente aqueles que fazem parte do patrimônio arquitetônico, e quando esses imóveis são repassados para outros proprietários estes procuram reformá-los, ocasionando sua descaracterização, perdendo elementos de sua originalidade.



#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O objetivo desse trabalho é apresentar o patrimônio arquitetônico localizado na cidade de Serra Branca, através da casa Gayão, sendo o objetivo maior mostrar para a população através desse patrimônio a necessidade de valorização e a preservação deste, não apenas como símbolo arquitetônico, mas acima de tudo um patrimônio histórico, rico em memórias, memórias de nossa cidade, nossas memórias.

Parar um pouco, respirar um pouco fora desse ritmo frenesi da cidade urbana moderna, cidades estas, que assim como Serra Branca, possui seus lugares de memória, lugares que sobrevivem ao ritmo selvagem das cidades. Memórias em pedra e concreto que cotidianamente nos mostra de forma tão humilde a nossa história.

No entanto percebemos que para que isso aconteça à população tem que sentir-se como parte integrante, amalgamada com as construções vivas que narram suas histórias.

E no fim deste trabalho, mais que qualquer conteúdo informativo, fica o apelo de uma historiadora apaixonada por sua cidade: Paremos para nos observar. Não procuremos mais em outras cidades o modelo ideal, moderno, civilizado, saibamos, pois, que a melhor cidade é aquela que nos guarda.

## **BIBLIOGRAFIA**

**BOURDIN**, Alain. **A Questão Local**. In: \_\_\_\_\_. Trad. Orlando dos Santos Reis. Rio de Janeiro:DPHA,2001.

**CAMARGO**, Haroldo Leitão. **Patrimônio Histórico e Cultural**. 3ª edição. São Paulo; Aleph, 2002.

**CARLOS**, Ana Fani Alesandri . **A Cidade**. São Paulo; Editora Contexto , 1992.

**CARLOS**, Ana Fani Alesandri. **Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade**. São Paulo, Labur Edições, 2007.

**FRANÇOISE**, Choay. **A alegoria do Patrimônio**. Trad. Luciano Vieira Machado. 3ed. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006.

**FUNARI**, Pedro Paulo Abreu. **Patrimônio Histórico e Cultural**. Rio de Janeiro; Jorge Zahar Editor, 2006.

**LE GOFF**, Jacques. **Por Amor às Cidades: conversações com Jean Lebrun**. In: \_\_\_\_\_. Trad. Reginaldo Carmello Côrrea de Moraes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

**Livro de tombo II**, ano de 1957 a 1988. Da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição.